



# ADEL SOUKI

## *ad infinitum*

O que arrebatou Adel Souki foi a idéia de infinito. Idéia que ela encontrou na palestra de Borges sobre as histórias inventadas e reunidas em diversas versões e edições e conhecidas como “As Mil e Uma Noites”. A beleza deste nome encantou Borges, para quem “de Mil” é quase sinônimo de infinito e “Mil e Uma” é ir além do infinito. Ainda segundo o escritor argentino, *os árabes dizem que ninguém pode ler “As Mil e Uma Noites” até o fim. Não por tédio, mas porque se sente que o livro é infinito. Os árabes dizem e Borges reafirma: Trata-se de um livro tão vasto que não é preciso lê-lo. Ele é parte prévia de nossa memória”.*

O que encantou Borges, envolveu Adel.

As **Mil Moradas e Uma** também estão inscritas em nosso cotidiano, em nossas memórias, em nossos corpos, em todos os nossos sentidos. E, assim como o livro, enredam tramas, fantasias, sonhos, tristezas, alegrias, devaneios, mistérios, rituais.

E, mesmo porque não formam um texto, também não precisam e não podem ser lidas. As **Moradas** se apresentam a partir de **Mil e Uma** mãos, infinitas idéias. São moradas imaginadas, sonhadas, vividas e construídas por crianças e jovens da cidade, da periferia e da zona rural. Foi com elas que Adel compartilhou seu desejo de construção de **Mil Moradas e Uma**, um projeto que só faz sentido com o outro, no coletivo, na troca e na generosidade de cada um que se dispôs a aceitar o desafio de fazer a **Uma** morada. Apenas **Uma**, além das outras **Mil**, construída com argila e a partir de escutas, apropriações, transformações e desprendimentos. Tudo no plural, mas demarcado por singularidades, subjetividades.

As **Mil Moradas e Uma** definitivamente não se fecham. Pelo contrário, o espaço se dilui impregnado de vozes, atravessando muros e paredes descobertas, e reverbera pelas memórias suscitadas e gravadas no processo de modelagem do barro, na construção das Moradas. Os ruídos, as conversas e os comentários, que compõem a instalação, reativam alguns caminhos percorridos pelas crianças e jovens e chegam até aqui para nos levar até lá, não sei exatamente onde. *Voyeurisme?* Acho que não... Me parece mais um deslocamento provocado pela intenção de compartilhar experiências *ad infinitum*.

Juliana Gouthier

Artista Plástica e professora da Escola de Belas Artes da UFMG